Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

"DOMINGO, EU VOU AO MARACANÃ"
a trajetória das primeiras manifestações homossexuais no futebol masculino brasileiro

"SUNDAY, I'M GOING TO THE MARACANÃ"
the trajectory of the first homosexual manifestations in brazilian men's football

LUCAS BARROSO[1]

RESUMO

O artigo analisa as primeiras manifestações homossexuais no futebol masculino brasileiro entre as décadas de 1970 e 1990, investigando como grupos de torcedores dissidentes emergiram em diferentes regiões do país. O objetivo central é compreender a trajetória de parte dessas iniciativas. Metodologicamente, o estudo se baseia na análise de periódicos de circulação nacional e regional, reportagens, charges e colunas esportivas da época, permitindo analisar trajetórias de manifestações como a Coligay, Fla-Gay, Maré Vermelha, Ita-Gay e Galo-Gay. Os resultados indicam que tais movimentos, embora frequentemente alvos de preconceito, violência e disputas internas, buscaram afirmar sua presença nas arquibancadas, ampliando a visibilidade de identidades dissidentes por meio do futebol. Conclui-se que essas experiências atuaram como em busca de visibilidade por meio do principal esporte do país, indicando que a historiografia do futebol pode se expandir para analisar essas experiências além do eixo Sudeste-Sul.

Palavras-chave: Futebol. Homossexualidade. Torcidas gays. Brasil.

ABSTRACT

The article analyzes the first homosexual manifestations in Brazilian men's football between the 1970s and 1990s, investigating how dissident supporter groups emerged in different regions of the country. Its main objective is to understand the trajectory of some of these initiatives. Methodologically, the study is based on the analysis of national and regional newspapers and magazines, news reports, cartoons, and sports columns from the period, allowing an examination of the histories of groups such as Coligay, Fla-Gay, Maré Vermelha, Ita-Gay, and Galo-Gay. The findings indicate that, although these movements were frequently subjected to prejudice, violence, and internal disputes, they sought to assert their presence in the stands, expanding the visibility of dissident identities through football. The article concludes that these experiences represented a search for visibility through the country's most popular sport and suggests that football historiography can be broadened to examine such experiences beyond the Southeast–South axis.

Keywords: Football. Homosexuality. Gay supporter groups. Brazil.

[1] Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail do autor: lucas.barroso@ufrj.br

INTRODUÇÃO

O debate acadêmico sobre sexualidade e futebol masculino apresenta o esporte como um espaço de construção e reprodução de masculinidades. Nesse contexto, o futebol transcende sua mera função esportiva, configurando-se como um regulador social de comportamentos masculinos que privilegiam virilidade, força e competição. Como apontado por Freitas (2002) e Souza (1996), essas normas se manifestam, por exemplo, em cânticos e injúrias homofóbicas, que reforçam exclusões e estigmas, enquanto a homossexualidade permanece marginalizada.

Os vários modelos de masculinidades, que são imperceptíveis para aqueles que se beneficiam, são construídos simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder: nas relações entre homens e mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações entre os próprios homens (desigualdades baseadas em marcadores interseccionais, como raça, etnia, sexualidade, idade, entre outros) (Kimmel, 1998). Suas expressões se tornam invisíveis por serem normatizadas, conferindo privilégios não percebidos aos que se conformam à norma heterossexual em comparação aos que a subvertem (Butler, 2017).

Um tipo ideal de masculinidade hegemônica é moldado por diversos discursos no contexto do futebol. Esse esporte, mais do que uma simples atividade de lazer ou competição profissional, define práticas específicas dentro do seu contexto e simboliza o homem, tornando-se um espetáculo político em que papéis sociais são representados. Por isso, possíveis expressões corporais de falta de masculinidade são censuradas, a fim de manter a “normalidade” esperada do homem no futebol, enquanto a presença do homossexual deve ser visível apenas para ser marginalizada (Moura, 2017).

Por “masculinidade hegemônica”, entende-se um padrão histórico-social que se define em oposição à feminilidade e outras formas subordinadas de masculinidade. Ela exige adesão a uma heterossexualidade compulsória, muitas vezes ligada à homofobia e misoginia. Para ser considerado másculo dentro desse padrão, há a necessidade de rejeição de qualquer traço de

homossexualidade e de elementos associados à feminilidade no comportamento e na aparência física. É, assim, uma ideologia que favorece certos grupos em detrimento daqueles que não se encaixam (Louro, 2001). Atributos dessa masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual, podem ser observados em cantos provocativos de torcidas brasileiras.

A linguagem é central nesse contexto, funcionando como ferramenta ideológica de dominação, conforme discutido por Butler (1997) e Wodak (2003). Ela legitima as relações de poder e solidifica a masculinidade hegemônica, que, segundo Louro (2001), exige a rejeição de traços femininos e homossexuais para manter sua estabilidade. Esse padrão de masculinidade reflete uma violência estrutural, como destacado por Santos (2013) e Rosostolato (2018), que pune a vulnerabilidade e exclui sujeitos divergentes.

Nesse sentido, o gênero surge como uma construção discursiva sociocultural que, por meio da repetição de discursos dominantes, dá origem à *performance* de gênero, a qual se materializa nos corpos (Butler, 1997). O gênero é entendido pela autora como uma identidade construída por meio de uma repetição estilizada de atos, na qual se incluem gestos, vestimentas, linguagem e comportamentos culturalmente conformados.

Dessa forma, o futebol, enquanto instituição generificada e androcêntrica (Bandeira; Seffner, 2017), contribui para a produção e circulação de valores associados a tipos engessados de masculinidades. Nesse cenário, Borrillo (2010), aponta que a competição, o medo intenso de mostrar vulnerabilidade, o controle das emoções e a homofobia são fatores que moldam a forma de ser homem, sendo elas maximizadas nos espaços futebolísticos.

O futebol, assim, opera como um “dispositivo de sexualidade” (Foucault, 1996), normatizando corpos e sexualidades, enquanto a misoginia e a homofobia asseguram a masculinidade dominante. Contudo, conforme Mandelli (2023), coletivos e competições voltados à comunidade LGBTQIAPN+[2] no esporte têm surgido como formas de resistência e transformação cultural, ampliando as

[2] A comunidade LGBTQIAPN+ é representada por uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/ Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais, que, por sua vez, faz menção a outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não se encaixam no padrão heterocisnormativo.

possibilidades de inclusão e diversidade. Esses movimentos criam redes de sociabilidade que desafiam a normatividade heterossexual e promovem mudanças no espaço futebolístico, ainda que de forma gradual.

Assim, o futebol, ao mesmo tempo que perpetua práticas de exclusão, pode se apresentar como campo de luta simbólica, possibilitando a emergência de novas formas de representação e convivência. Embora avanços sejam perceptíveis, a cultura heterocisnormativa ainda impõe barreiras, mantendo muitos no silêncio e ostracismo. Esse paradoxo revela a complexidade do esporte como um espaço político e social de tensão entre exclusão e inclusão.

Analisar, portanto, o contexto das primeiras manifestações homossexuais no futebol masculino brasileiro é fundamental para que sejam elucidadas as condições de suas origens. Espera-se, assim, não apenas desvelar as camadas silenciadas desse passado futebolístico brasileiro, mas também contribuir para a promoção de mudanças no presente e futuro da diversidade esportiva no assim chamado “país do futebol”.

1. O SURGIMENTO DE NOVAS FORMAS DE PERFORMAR O “TORCER” NO BRASIL

14/10/1984. Estádio do Maracanã. Flamengo 3 x 2 Botafogo. 41.691 pagantes.

O gramado nem tinha esquentado quando a equipe rubro-negra fez o primeiro gol do jogo. Aos quatro minutos, Tita se antecipou à zaga alvinegra e chutou no canto, depois do escanteio batido por Bebeto. Ainda que não estivesse em sua capacidade máxima, o maior estádio do mundo explodiu pela primeira vez quando a bola cruzou as redes de Paulo Sérgio.

O Botafogo não se entregou. Brigou, correu e ocupou espaço. Aos 26, Berg empatou em um lance de bate-rebate em que a bola teimou em não sair da área. Mas o Flamengo tinha Bebeto em uma fase iluminada. Aos 40, recebeu de Nunes, foi paciente, escolheu o canto e bateu rasteirinho. Flamengo 2 a 1 no intervalo.

A volta para o segundo tempo prometia pressão botafoguense. Mas antes, Adalberto fez uma jogada para ficar na memória. Partiu da defesa, driblou,

insistiu, escapou da marcação e cruzou para Bebeto ajeitar de cabeça. Nunes só empurrou, quase dentro do gol. Flamengo 3 a 1, em apenas cinco minutos.

Só que o clássico não seria clássico sem um toque de drama. Três minutos depois, Baltazar aproveitou uma bobeira na saída de bola rubro-negra e descontou. O Botafogo veio com tudo, ganhou campo, arriscou, tentou de fora, tentou pelo alto, mas parava nas intervenções decisivas do goleiro flamenguista.

O jogo virou um lá-e-cá elétrico. O Flamengo, já sem Andrade e depois sem Bebeto, recuou, mas não deixou de ser perigoso. O Botafogo insistiu até o fim, com Helinho, Marinho e Robertinho, todo mundo tentou, mas quando José Roberto Wright apitou o fim, o placar marcava 3 a 2.

Semanas antes, o time da Gávea já havia conquistado a Taça Guanabara, o primeiro turno do campeonato carioca, e vinha com grandes expectativas para também acumular a Taça Rio de Janeiro, o segundo turno, e, assim, voltar a ganhar um título estadual desde o ano inesquecível de 1981, quando venceu a Taça Libertadores da América contra o Cobreloa (Chile) e também a Copa Intercontinental, ao derrotar o Liverpool (Inglaterra), no Japão.

A torcida seguia fervorosa desde o bicampeonato da Taça de Ouro, um dos principais torneios do Brasil, em 1982 e 1983 e havia lotado o Maracanã com 99.898 pessoas em 23 de setembro para ver o capitão Tita levantar a imponente Taça Guanabara contra seu grande rival, Fluminense. Adílio, de cabeça, marcou o gol do título, coroando mais um grande jogo do Flamengo naquela competição.

Naquele dia 14 de outubro, a vitória alucinante contra o alvinegro carioca suavizou a estreia amarga no segundo turno duas semanas antes contra o Volta Redonda, nas suas dependências no Sul Fluminense. Com o desfalque de Adílio, a equipe, dessa vez, não jogou tão bem o clássico, mas soube ser efetiva nos momentos certos do jogo. Ganhou quem errou menos.

Assim como na última partida do primeiro turno, o clássico entre Flamengo e Botafogo também aconteceu em um domingo. Embalados pelos gols de Tita, Bebeto e Nunes, os torcedores rubros negros, certamente, entoaram sua paixão de estar no Maracanã, vibrando com o seu clube do coração em busca de mais uma taça. Os visitantes, provavelmente, cantaram:

Domingo, eu vou ao Maracanã

Vou torcer pro time que sou fã
Vou levar foguetes e bandeira
Não vai ser de brincadeira
Ele vai ser campeão

Não quero cadeira numerada
Vou sentar na arquibancada
Prá sentir mais emoção

Porque meu time bota pra ferver
E o nome dele são vocês que vão dizer

(Ô, ô, ô)
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô!
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô!

O desejado título estadual não foi parar na sala de troféus da Gávea – e, sim, nas Laranjeiras –, mas a canção já fazia parte da história do clube e também do futebol carioca. Era um repertório certo nos cantos das torcidas dos chamados quatro grandes do Rio de Janeiro, que adequavam a seguinte parte da letra: “Domingo eu vou ao Maracanã, vou torcer pelo *time* que sou fã...” para o nome do seu próprio time.

O nome original dela é “O Campeão”, por vezes também chamada “O Campeão (Meu Time)”, sendo a composição mais famosa de Luiz Antônio Feliciano Marcondes, o Neguinho da Beija-Flor. Foi lançada no ano de 1979, pela gravadora Top Tape, em um compacto simples que também continha a música “Meu Rio de Janeiro”. Com o tempo, a canção ultrapassou os limites da arquibancada e também se transformou em uma ode ao próprio Maracanã.

Em entrevista recente ao *O Globo*[3], Neguinho contou que a composição nasceu de maneira despretensiosa, durante uma viagem de ônibus da Praça

[3] *O Globo* foi fundado em 1925, no Rio de Janeiro, por Irineu Marinho. Após a morte de seu fundador, o jornal passou a ser dirigido por seu filho, Roberto Marinho, consolidando-se como um dos principais veículos da grande imprensa brasileira. Ao longo do século, manteve uma linha editorial conservadora e liberal na economia.

Mauá até Nova Iguaçu. A letra foi feita a pedido de um amigo vascaíno, Paulo Roberto, que sonhava fundar uma torcida gay para o Vasco da Gama. A versão original dizia explicitamente: "Domingo eu vou ao Maracanã, vou torcer pro Vasco que sou fã".

Porém, quando o projeto da torcida não foi aceito pela diretoria cruz-maltina, Neguinho decidiu alterar o nome do clube para a palavra genérica "time", ampliando o alcance da música[4]. Essa simples mudança permitiu que a canção fosse cantada por diferentes torcidas, rompendo fronteiras clubísticas e tornando-se um verdadeiro samba-enredo do futebol carioca.

O momento decisivo para sua popularização veio no segundo jogo da final da Taça de Ouro de 1980 entre Flamengo e Atlético Mineiro, quando a canção foi executada pelo sistema de som do Maracanã e antecedida por uma distribuição de milhares de panfletos com a letra nas duas entradas do estádio, promovida por Neguinho e sua amiga, a cantora Leci Brandão.

Inspirada pelo mesmo desejo de visibilidade que motivara o amigo vascaíno de Neguinho da Beija-Flor, um movimento similar encontrou espaço na torcida rubro-negra. Curiosamente, exatos cinco anos antes daquele Flamengo 3 x 2 Botafogo de 14 de outubro de 1984, as arquibancadas do Maracanã foram palco de uma tentativa pioneira por dois homossexuais: a fundação da Fla-Gay[5] em um domingo de clássico carioca, em 1979.

Assim como no caso frustrado do Vasco, a Fla-Gay também encontrou resistências e não conseguiu se consolidar como imaginava nas arquibancadas de um dos estádios mais icônicos do mundo, mas sua tentativa de criação em um típico domingo de futebol deixou seu legado.

Tanto torcedores quanto jornalistas reagiram ao grupo com exotismo, zombarias e estereótipos caricatos, negando-lhe credibilidade e reconhecimento (Pinto, 2018). A situação culminou em um episódio emblemático: no dia em que faria sua estreia oficial nos estádios, em um clássico contra o Fluminense, a Fla-Gay foi impedida de entrar no estádio do Maracanã pelo então presidente do

4 Ver: NEGUINHO em festa pelos 40 anos de 'O campeão', seu maior sucesso. O Globo, Rio de Janeiro, 16 nov. 2019. p. 28.

5 Neste trabalho, adota-se a nomenclatura "Fla-Gay", seguindo Pinto (2017) e Oliveira (2022), por ser a forma mais recorrente na imprensa da época. Outras variações também incluem "Flagay", "FlaGay" – utilizada ainda por Pinto (2018) – e "Flaguei".

Flamengo, Márcio Braga, que acionou o 6º Batalhão da Polícia Militar.

A tentativa da ala de ocupar as arquibancadas do Maracanã em 1979 não surgiu isolada, mas como parte de um contexto mais amplo de torcedores homossexuais que, desde o final dos anos 1970, buscavam afirmar sua presença pública e coletiva por meio dos estádios brasileiros (Barroso, 2025). Assim como em outros movimentos, a iniciativa buscava desafiar espaços marcados por uma masculinidade hegemônica.

A presença de homossexuais nas arquibancadas já existia antes, seja individualmente ou camuflada em torcidas convencionais. O que diferenciou esse período, porém, foi a organização coletiva “(...) em torno de duas identidades convergentes: sua sexualidade, enquanto pessoas homossexuais, visível na escolha dos nomes dessas torcidas e em sua afirmação, bem como sua junção à identificação por um clube específico” (Martinelli, 2020, p. 312).

O primeiro agrupamento de torcedores abertamente homossexuais do país foi a Coligay, que pertencia ao *Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense* (FBPA). Essa torcida inaugurou sua presença em uma partida contra o Futebol Clube Santa Cruz pela 5ª rodada da 1ª fase do campeonato gaúcho, no dia 10 de abril de 1977, no Estádio Olímpico Monumental, em Porto Alegre (RS). A inspiração para o nome veio da boate Coliseu[6], voltada ao público homossexual, que não possuía muitas opções de diversão na capital do estado.

A presença fervorosa desses torcedores nas arquibancadas desafiou a norma estabelecida de torcer de forma tradicionalmente máscula e viril, por meio da introdução de manifestações coloridas, vibrantes e únicas (Sousa; Camargo, 2015). Seu objetivo era impulsionar os jogadores com charangas, cartazes e ornamentos nos estádios.

Essa influência transcendeu até rivalidades, atraindo simpatia de torcedores do principal rival do clube. Outros adeptos buscaram integrar a ala devido à representatividade da Coligay, embora a condição de ser gremista fosse essencial para participação. Isso levou à criação, por parte de torcedores do

[6] A boate Coliseu ficava localizada na Avenida João Pessoa, 1281, em Farroupilha, Porto Alegre (RS). O nome fazia referência a arquitetura do local. Gerida por Volmar Santos, era considerada a mais bela casa noturna voltada para o público homossexual do país (Anjos, 2018). De 1977 até o ano de seu fechamento, em 1980, também foi a sede oficial da torcida Coligay. Seu espaço foi desativado e, hoje, abriga uma autoescola.

Sport Club Internacional, da efêmera Interflowers, em alusão à boate *Flowers*[7].

Ainda neste período, uma importante figura foi o árbitro Jorge José Emiliano dos Santos (1954-1995), mais conhecido pelo apelido de Margarida, famoso por seu estilo extravagante de apitar. Em 1988, estampou a *Revista Placar*[8] com o seguinte título: "Margarida: 'Ser Juiz é tudo' O controvertido[9] árbitro carioca assume publicamente a condição de homossexual e se transforma na sensação do campeonato".

Margarida tornou-se árbitro profissional vinculado à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) em 1988, ano em que ganhou projeção nacional ao publicizar sua homossexualidade. Sua presença no meio esportivo carioca iniciou na década de 1960, quando atuava como árbitro de futebol de areia e passou a ser conhecido pelo apelido que o acompanharia ao longo da carreira.

A publicização da homossexualidade de Margarida não foi um ato isolado nos anos 1980, mas foi impulsionado por uma coletividade, que ficou conhecida como o "Sindicato". "[...] Não sou hipócrita como muitos. Faço de minha vida o que bem quero. Pelo menos dez árbitros cariocas são gays" (*apud* Esteves, 1988, p. 50). Juntavam-se a Jorge Emiliano outros árbitros e auxiliares do estado abertamente homossexuais, como Valter Senra, o "Bianca", Robson de Oliveira, o "Gazela", e Reinaldo Barros, o "Pinah".

Dado o ineditismo e a relevância desses acontecimentos para o cenário futebolístico nacional, o objetivo deste trabalho é localizar a trajetória das primeiras manifestações homossexuais no futebol brasileiro entre os anos de 1970 e 1990. Para esse fim, a pesquisa utiliza metodologia qualitativa, a partir de análise documental e levantamento de registros de imprensa.

Para a realização desta pesquisa, foram consultados os acervos

[7] Inaugurada em 8 de maio de 1971, a boate *Flowers* funcionava em frente à Praça Jaime Telles, no bairro Partenon, em Porto Alegre (RS). Sua fundação é atribuída a Dirnei Messias. Foi a primeira casa noturna assumidamente voltada para o público gay da capital. Por pouco tempo, foi a principal concorrente do Coliseu. Em 1976, após constantes atritos com os militares, mudou de endereço e três anos depois fechou as portas.

[8] No início dos anos 1970, a *Revista Placar* era o único semanário esportivo de circulação nacional no Brasil, lançado pouco antes da Copa do Mundo no México em 1970. Durante o torneio, a revista alcançou meio milhão de exemplares vendidos semanalmente, consolidando-se como uma voz influente na opinião pública esportiva (Hollanda; Canale, 2021).

[9] O adjetivo derivava sobretudo de seu estilo performático e espalhafatoso na condução das partidas.

disponibilizados digitalmente da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), da revista *Placar*, da revista *Veja*, do *Lampião da Esquina*[10], do *Estadão*, da *Folha de São Paulo* e d'*O Globo*.

2. O CONTEXTO DO REGIME DITATORIAL BRASILEIRO (1964-1989) E O SURGIMENTO DE NOVAS FORMAS DE TORCER

No Brasil, o futebol exerce um papel quase religioso (Guterman, 2004), sendo parte essencial da cultura dos brasileiros desde a infância, quando meninos e meninas são incentivados a torcer por um time local ou seguir tradições familiares de torcedores. A influência desse esporte vai além do campo, permeando o dia a dia da sociedade e tornando-se fundamental para compreender a cultura e as dinâmicas sociais do país.

Devido à sua capacidade de mobilizar emoções (Tura, 2023), o futebol, esporte mais popular no mundo, foi frequentemente utilizado por governos e líderes como meio para influenciar opiniões e simbolizar momentos históricos. Sua ampla penetração entre as populações transforma-o em um poderoso instrumento para promover ideias, destacar causas e conquistar apoio para diversas iniciativas.

Durante a ditadura militar brasileira, o futebol foi estrategicamente mobilizado pelo regime, especialmente por meio da Seleção Brasileira e dos campeonatos organizados pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Entre as Copas do Mundo de 1966 e 1982, os jogadores frequentemente enfrentavam pressões governamentais, já que um bom desempenho da seleção era visto como símbolo de prosperidade e uma maneira de desviar as críticas ao regime (Magalhães, 2011).

A Copa do Mundo de 1970 ilustra essa relação entre futebol e política. Sob o governo do general Emílio Garrastazu Médici, a conquista do

[10] O *Lampião da Esquina* foi um jornal editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais, que inicialmente pretendiam abordar a homossexualidade enquanto construíam alianças com outras minorias sociais, como negros, mulheres e indígenas. O periódico teve grande relevância ao explorar, de forma pioneira, os aspectos políticos, existenciais e culturais da questão homossexual. Circulou entre 1978 e 1981, com um total de 37 edições, chegando a ter tiragens de até 20 mil exemplares distribuídos por todo o país (Fry; Macrae, 1985; Souza, 2013).

tricampeonato foi transformada em um instrumento de propaganda. O sucesso mundial da seleção foi usado para reforçar a imagem de um país em ascensão, desviar atenções da repressão e estimular o nacionalismo. Nesse cenário, Médici, apresentado como torcedor fervoroso, aproveitou o momento para consolidar seu prestígio. Jargões ufanistas estampavam a imprensa e eram amplificados por carros de som nas ruas (Santos, 2017).

Médici também adotou gestos simbólicos, como posar com a bandeira nacional, ouvir jogos no rádio e abrir o Palácio da Alvorada para celebrações públicas no dia do título, em 21 de junho de 1970. A recepção triunfal dos jogadores em Brasília foi amplamente divulgada como parte do esforço de associar o sucesso do futebol à legitimidade do governo (Magalhães, 2011).

Reconhecendo o potencial político do futebol, os militares lançaram, em 1971, o primeiro campeonato nacional de clubes, com o objetivo de ampliar a visibilidade do país por meio do esporte de massas. Esse investimento visava benefícios políticos, mas também deu espaço a disputas entre clubes e lideranças esportivas (Magalhães, 2011).

Nesse contexto, a televisão desempenhou papel central durante a Copa de 1970, quando os jogos foram transmitidos ao vivo pela primeira vez. O governo incentivou a compra de televisores, aproveitando o contexto de crescimento econômico, para que as famílias acompanhassem a seleção em casa, o que contribuiu para consolidar uma nova dimensão de identidade coletiva no país (Matos, 2002; Guterman, 2006).

Paralelamente à mobilização pelo regime, o futebol também se apresentava como um espaço de contestação, tanto dentro quanto fora dos campos. Jogadores como Reinaldo, ídolo do Atlético Mineiro, destacaram-se por atitudes simbólicas e declarações públicas. Ele comemorava seus gols com o gesto do punho cerrado, em alusão ao movimento dos Panteras Negras, e manifestava-se a favor de eleições diretas e do fim do regime militar. Tostão, embora mais reservado, também se posicionava contra a repressão do regime e as limitações às liberdades individuais. Já Afonsinho desafiava diretamente o autoritarismo, lutando por mudanças na legislação esportiva.

Nas arquibancadas, os protestos eram frequentes, refletindo a insatisfação com o regime. Durante o jogo entre Santos e Corinthians, em 1979,

uma faixa com os dizeres “anistia ampla, geral e irrestrita” ganhou destaque. Em 1984, na final do Campeonato Brasileiro entre Fluminense e Vasco, os gritos por eleições diretas abafaram o hino nacional. Esses episódios ilustram como o esporte também foi um espaço de transição política, inspirando mobilizações populares que culminaram na redemocratização (Alves; Albernaz, 2024).

As manifestações contestatórias no futebol, no entanto, remontam a anos. O surgimento do fenômeno das torcidas organizadas no Brasil teve início nos anos 1970, durante o processo de nacionalização do futebol e sua ampla popularização pelos órgãos de propaganda da ditadura militar. Nesse contexto, observou-se uma transição da figura do *torcedor-símbolo* para o *torcedor-organizado*, com o objetivo de construir uma identidade de autoafirmação por meio da associação com o time e seus jogadores (Toledo, 1996). Esses agrupamentos iniciais começaram no Rio de Janeiro (Hollanda, 2008), São Paulo (Hollanda; Canale, 2021) e Fortaleza (Pinheiro, 2014).

No final dos anos 1960, mudanças internas nas torcidas do Rio de Janeiro marcaram o surgimento das primeiras Torcidas Jovens, como a Torcida Jovem do Flamengo, Torcida Jovem do Botafogo, Força Jovem do Vasco e Young Flu. Essas torcidas simbolizavam a juventude como força transformadora e refletiam os valores contestatórios da época (Hollanda, 2008). O “Poder Jovem” e o slogan adotado pelas torcidas ganharam força no contexto das crescentes tensões entre clubes e torcedores.

Nesse âmbito, Toledo (1996) e Hollanda (2008) são as referências pioneiras. Ambos definiram os principais elementos constitutivos do associativismo torcedor organizado no Brasil: i) estrutura burocrática que vai além da figura do “torcedor-símbolo”; ii) dupla identificação dos membros com o clube e com o agrupamento enquanto coletivo autônomo; e iii) simbologia coletiva própria que distingue o grupo perante outros no universo torcedor.

Entre os movimentos contestatórios no futebol, a Democracia Corinthiana destacou-se ao transformar um clube em um espaço de participação política. Liderado por Sócrates, o movimento promovia debates e decisões coletivas sobre questões do Corinthians, desafiando não apenas os dirigentes, mas também o regime militar. O apoio de figuras públicas, como Rita Lee e Washington Olivetto, ajudou a divulgar a causa, embora tenha enfrentado

resistência de autoridades (Magalhães, 2011).

Nesse cenário, o ato de torcer também passou a refletir conflitos sociais. No ambiente das torcidas organizadas, os indivíduos vivenciavam um senso de coletividade que evidenciava as tensões e dinâmicas do período, incluindo questões de masculinidade, machismo e violência (Damo, 2001). A agressividade e a competitividade, frequentemente exaltadas nesse meio, reproduziam problemas estruturais da sociedade brasileira, mostrando como o futebol é um reflexo de seu próprio tempo (Bobbio, 1995; Murad, 2017).

As primeiras manifestações homossexuais no futebol brasileiro estão intrinsecamente ligadas a essas transformações históricas e culturais. Ao inserir essas narrativas no cenário das lutas sociais e políticas da época, é possível reconhecer o papel do futebol como terreno de contestação e expressão de novas formas de pertencimento, visibilidade e diversidade.

3. A TRAJETÓRIA DAS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES HOMOSSEXUAIS NO FUTEBOL BRASILEIRO

No dia 10 de abril de 1977, uma partida de futebol entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (FBPA) e Futebol Clube Santa Cruz, válida pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho, foi palco da primeira ala abertamente homossexual a estar presentes nos estádios de futebol profissional no Brasil. O tricolor gaúcho venceu o jogo por 2 a 1, iniciando o período mais vitorioso de sua história septuagenária.

A ala se destacava por suas vestimentas chamativas – longas túnicas nas cores do tricolor gaúcho (azul, preto e branco) – e por contar com uma banda própria, a “charanga”, que liderava os cânticos de apoio ao Grêmio durante toda a partida. Desse modo, a Coligay se diferenciava ao adotar um estilo de torcer, nas palavras de seu fundador, “mais animado” e de “vibração ordeira”, procurando se distinguir das torcidas “oficiais” já estabelecidas, ainda que de modo comedido (*apud* Gerchmann, 2014, p. 120).

Segundo Gerchmann (2014), a Coligay tornou-se uma peça mítica na narrativa da retomada de conquistas importantes, como o título gaúcho de 1977, que interrompeu a hegemonia do Internacional. Apesar de uma recepção

moderada por parte de jogadores e dirigentes, a Coligay existiu entre 1977 e 1983.

Apesar de sua “vibração ordeira”, a Coligay enfrentava vigilância e policiamento constantes. Embora Volmar Santos não tenha reivindicado o título de “movimento de vanguarda gay”, o comportamento “irrepreensível” da torcida, citado por Gerchmann (2014), ajudou a facilitar sua aceitação.

No entanto, uma reportagem da *Revista Placar* publicada em 27 de maio de 1977 apontou que a Coligay estava sob constante controle policial. Teotásio Pielewski, chefe do setor de meretrício e vadiagem da Delegacia de Costumes, destacou o comportamento comedido do movimento, mas deixou claro que ela era monitorada de perto pelas forças policiais.

Ainda que não tivesse havido uma política de Estado que atingisse especificamente as homossexualidades, a censura, a detenção e a repressão afetaram essa parcela da população no Brasil. Mesmo que, nesse período, as sociabilidades gays seguissem acontecendo às escondidas (Green, 2000), a opressão militar atingiu, principalmente, espetáculos de travestis, bailes de carnaval e encontros homossexuais nas ruas de grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo (Passamani, 2010).

Apesar disso, o impacto dessa ala extravasou qualquer tipo de rivalidade clubística. Até mesmo os torcedores do principal rival do Grêmio simpatizavam com ela. Alguns, inclusive, tinham a intenção de se integrar à torcida gremista devido à representatividade que o grupo incorporava nas questões de diversidade, embora não tenham obtido sucesso, pois a condição de ser gremista era determinante para o ingresso. Isso os levou, posteriormente, a fundarem a efêmera Interflowers, em alusão à boate *Flowers*, mas sem o mesmo sucesso.

Além da Coligay, outras iniciativas emergiram no estado, como a Maré Vermelha, revelando que a luta por espaço e reconhecimento não estava restrita a um único clube ou cidade. Entre batuques e faixas, a presença homossexual em fins dos anos 1970 ganhava corpo em diferentes clubes e cidades, mostrando que a luta por representação não era um gesto isolado, mas parte de um movimento que se espalhava pelo futebol nacional por meio da imprensa (Barroso, 2025).

A Maré Vermelha surgiu em Santa Maria (RS), no final dos anos 1970. Foi formada por torcedores homossexuais ligados ao Esporte Clube Internacional, que buscavam um espaço de convivência e visibilidade nas arquibancadas, em contraste com a lógica masculina e excludente do futebol da época. Seu nome foi inspirado na tragédia ambiental da “maré vermelha” ocorrida em 1978, no litoral sul gaúcho, quando diversos animais apareceram mortos após o naufrágio do navio Taquari, carregado de resíduos tóxicos. Além das arquibancadas, muitos de seus integrantes também participavam da Ala Maravilha no carnaval local, formando uma rede de sociabilidade (Silveira, 2021).

O grupo existiu por cerca de doze anos nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas e marcou o início da organização homossexual em Santa Maria, deixando um legado para os movimentos locais. Seu fim não se deu de forma brusca, mas por uma combinação de fatores: envelhecimento dos participantes, falta de renovação, mudança de interesses e conflitos internos, incluindo episódios de desentendimentos com dirigentes do clube (Silveira, 2021).

Por outro lado, no Rio de Janeiro, a recepção foi bem diferente e a repressão foi mais intensa. Em outubro de 1979, surgiu a Fla-Gay, uma ala homossexual vinculada ao Clube de Regatas do Flamengo, liderada pelo radialista Pedro Paradella e pelo carnavalesco Clóvis Bornay. Desde 1977, a ideia de fundar uma iniciativa similar para incentivar o time carioca com adereços coloridos, como plumas e paetês, já aparecia na imprensa esportiva.

Entretanto, a Fla-Gay não alcançou o reconhecimento e legitimidade esperados no cenário futebolístico. Desde sua criação, foi alvo de exotificação e ridicularização por torcedores e jornalistas (Pinto, 2018). No dia de sua estreia, em um clássico contra o Fluminense, os integrantes foram impedidos de entrar no estádio pelo presidente do Flamengo, Márcio Braga, sendo alvo de homofobia explícita. A forte repressão resultou em sua rápida dissolução.

As notas e reportagens do *Jornal dos Sports* sobre a Fla-Gay durante o final da década de 1970 revelam um esforço editorial para apresentá-la como algo fora do contexto do futebol, descrevendo-a mais como uma preparação para um desfile de fantasias ou de uma escola de samba. Essa representação caricata da FlaGay contribuiu para gerar um sentimento de rejeição, manifestado

pelos leitores do jornal, e até mesmo criou um clima de hostilidade em relação à presença da nova ala no Maracanã (Pinto, 2018).

Ainda que não tenha conseguido se estabelecer nas arquibancadas, a Fla-Gay marcou a história do futebol e influenciou tentativas similares no estado. Ainda em 1979, o jornalista Alceste Pinheiro, sob pseudônimo A.P., chegou a afirmar, no *Lampião da Esquina*, que existiam homossexuais organizados em uma das torcidas reconhecidas pelo clube, a Flamor, e que eles estariam se mobilizando para a formação de uma ala abertamente gay[11].

Além disso, a imprensa do final dos anos 1970 noticiou que o movimento teria inspirado iniciativas similares em São Paulo, com a Fau-Gay (São Paulo/SP), Pal-Gay (Palmeiras), Gayviões da Fiel, Corin-Gay e Fiel-Gay (Corinthians)[12], no Rio de Janeiro, com a Fo-Gay (Botafogo)[13], Vas-Gay (Vasco da Gama) e América-Gay (América)[14], e no Rio Grande do Sul, com a Leão-Gay (São Paulo/RS)[15].

Nesse contexto, a imprensa da época também registrava sinais de expansão de outras iniciativas homossexuais no futebol além desses estados. Reportagem publicada no *Correio de Notícias*, em 24 de outubro de 1979, indicava que a proposta de grupos de torcedores gays começava a aparecer em outros centros, com menções a agremiações surgindo no Paraná, no Pará, em Pernambuco, em Alagoas e no Espírito Santo[16].

Embora a bibliografia identificasse 23 alas homossexuais entre 1977 e 1989 (Anjos, 2018; Martinelli, 2020; Silveira, 2021; Rudá, 2024), a pesquisa mais recente de Barroso (2025) amplia de forma decisiva esse cenário. A partir de um levantamento sistemático em jornais e revistas da época, o autor catalogou mais de 50 movimentos assumidamente gays no futebol masculino brasileiro,

[11] Ver: E ALGUNS conselhos. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 18, nov. 1979, p. 11.
[12] Ver: GAY em campo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15319, p. 2, 16 out. 1979; JAPIASSU, Moacir. Atenção: vem aí os Gayviões da Fiel. **Jornal da República**. Rio de Janeiro, n. 44, 16 out. 1979, Esporte, p. 14; SÓCRATES ainda depende de teste para voltar. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, n. 32.084, p. 20, 17 out. 1979.
[13] Ver: CONCORRENTE da Fla-Gay. **O Fluminense**, Niterói, n. 2932, p. 13, 17 out. 1979.
[14] Ver: MOVIMENTO “gay” ganha adesões no futebol. **Correio de Notícias**, Curitiba, n. 50, p. 15, 24 out. 1979.
[15] Ver: ESTÁ nascendo a “Leão-Gay”, a nova torcida do São Paulo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 40, 19 out. 1979.
[16] Ver: MOVIMENTO “gay” ganha adesões no futebol. **Correio de Notícias**, Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.

distribuídos por todas as regiões do país.

Essa ampliação revela um quadro muito mais diverso e capilarizado do que o previsto pelas análises anteriores, indicando que as primeiras iniciativas não apenas dialogavam entre si, mas compunham um fenômeno nacional de maior densidade e alcance do que até então se reconhecia.

Entre esses diferentes registros, a experiência da Fla-Gay e da figura de Clóvis Bornay serviu como referência, inspirando, de forma direta ou indireta, iniciativas semelhantes em outras regiões. Essas influências serão analisadas a seguir em grupos que surgiram – ou tentaram surgir – em cinco estados, a saber: Pernambuco, São Paulo, Distrito Federal, Bahia e Rio de Janeiro.

Em outubro de 1979, o *Diário de Pernambuco* noticiou, de forma provocativa, que Bornay estaria prestes a criar uma ala torcedora assumidamente gay em Recife, embora sem revelar nome ou clube envolvido[17]. Dois dias antes, a *Veja* informou sobre iniciativa semelhante: a Lionsgay, liderada pela travesti Valéria[18], que tentava desde o início do ano acompanhar jogos do Sport Club do Recife, mas enfrentava ameaças constantes de agressão, impedindo sua estreia oficial.

Ainda assim, Bornay demonstrava confiança na expansão de alas gays no futebol e afirmou ter recebido contatos até de São Paulo, onde poderia colaborar com a criação da Fiel-Gay, formada por torcedores do Corinthians. Apesar de seu entusiasmo, a notícia gerou reações negativas: opositores do clube cogitaram questionar o caso junto ao presidente Figueiredo, e João Bombom[19], fundador dos Gayviões da Fiel, rejeitou publicamente a ideia de Bornay liderar a ala paulista, acusando-o de se apropriar da iniciativa e reafirmando que o nome correto já estava registrado.

Se em São Paulo Bornay acabou envolvido em um embate com João Bombom, no Distrito Federal o cenário foi um pouco distinto. Na capital federal, a criação da Gama-Gay não provocou um rompimento tão brusco com as influências dos carnavalescos – ainda que ela reivindicasse certa independência estética –, sendo recebida com entusiasmo e até articulada em rede com outras

[17] Ver: PENSAMENTO positivo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 294, 26 out. 1979, p. 12.
[18] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.
[19] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.

iniciativas locais.

A Gama-Gay, possível nova ala homossexual da Sociedade Esportiva do Gama, foi anunciada no *Correio Braziliense*. Liderada por Cláudio Medeiros[20], conhecido como “Clôde” e assíduo frequentador da The Fox Discothèque – uma das casas noturnas das mais badaladas de Brasília –, a iniciativa teria sido inspirada por outras agremiações similares, como a Fla-Gay[21].

Mesmo com uma fala contundente de seu líder, a Gama-Gay foi amplamente comemorada por Clóvis Bornay, que, inclusive, disse que poderia se mudar para Brasília caso a agremiação fosse aprovada oficialmente: “Se a Gama-Gay for autorizada, venho rápido de cordões e lantejoulas, podem crer” (*apud* Croc’s, 1980, p. 23).

Além disso, o movimento também teria encontrado ampla receptividade entre as demais torcidas do futebol brasiliense. Esse ambiente teria incentivado o surgimento de iniciativas similares nos outros grandes clubes do Distrito Federal, consolidando uma rede de torcedores gays e outras personalidades de fora do círculo futebolístico[22].

Outras agremiações teriam sido a Céu-Gay, ligada ao Centro de Ensino Unificado de Brasília Esporte Clube, coordenada por Marion Glacê, e a Guará-Gay, associada ao Clube de Regatas Guará, que teve como principal figura “Greta do MEC”, conhecida personagem da cena cultural da capital. Completando o grupo, surgiram ainda a Taguá-Gay, organizada por Luquete, figura popular do Chopp Center, e a Plana-Gay, vinculada ao Planaltina Esporte Clube, sob a liderança de Dedete[23].

No clube colorado da cidade, o Brasília Futebol Clube também teria o seu agrupamento gay, a Brasa-Gay. Porém, o chefe da torcida organizada do clube, Jorge Moreira, manifestou-se de forma categórica contra a possibilidade de criação da iniciativa. Demonstrando forte oposição à iniciativa, afirmou que qualquer manifestação que sequer sugira um perfil considerado “alegre” seria

[20] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.
[21] Ver: CROCODILO lança a Gama-Gay. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6112, p. 21, 29 out. 1979.
[22] Ver: GALERA gays se apresentam. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 6125, p. 15, 12 nov. 1979.
[23] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre suas biografias.

imediatamente rechaçada[24].

Além dela, também foi noticiada a Colo-Gay. A iniciativa ganhou visibilidade por meio da participação de Flavete das Graças[25], que se apresentou como candidata à chefia da torcida, defendendo a inclusão das “bonecas” no universo esportivo. Paradella é citado em seu relato como alguém que teve papel central ao apoiar indiretamente a iniciativa, reforçando o movimento de afirmação da comunidade gay no contexto futebolístico[26].

Apesar do entusiasmo, a ala enfrentou oposição e ameaça, sendo expressa em carta publicada na seção “Tribuna Livre” do *Correio Braziliense*. Randalina Flor[27] manifestou-se de forma contundente contra a liderança de uma “boneca” na torcida, defendendo que o futebol seria exclusivamente masculino e prometendo expulsar da classe qualquer candidata que insistisse na participação[28].

Mesmo com as ameaças, o mesmo *Correio Braziliense* noticiou a iniciativa de Marion Glacê em promover o Clã dos Gays brasilienses, encontro que reuniria diferentes grupos para preparar a realização da chamada Noite Gay, prevista para dezembro. O evento seria estruturado em formato competitivo, com premiações para categorias como melhor líder, melhor enredo nos campos, melhor guarda-roupa e melhor fantasia, avaliadas por um júri composto por jornalistas de destaque.

Segundo Marion, a procura foi grande e até mesmo lideranças de grupos não ligados ao futebol teriam buscado inscrição, como Helena, Rainha dos Trocados da Viplan, e Julinha Fofoca, das Escadarias Venâncio 2.000. Quatro agremiações já teriam garantido presença, o que, segundo a organização, assegurava o êxito da proposta, apresentada como um ato de afirmação e liberdade[29].

Esse modelo de mobilização e visibilidade, mesmo que nem sempre

[24] Ver: CROCODILO lança a Gama-Gay. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 6112, p. 21, 29 out. 1979.
[25] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.
[26] Ver: GRAÇAS, Flavete das. Tribuna livre. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 6153, p. 21, 10 dez. 1979.
[27] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.
[28] Ver: FLOR, Randalina. Tribuna livre. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 6.161, p. 19, 19 dez. 1979.
[29] Ver: GALERA gays se apresentam. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 6125, p. 15, 12 nov. 1979.

resultasse em estreias efetivas nos estádios, reforçou o precedente aberto pela Coligay e Fla-Gay. Toda essa repercussão impeliu torcedores ao associativismo gay, que começava a se articular de forma sintonizada em várias capitais e no interior do Brasil, como se viu, por exemplo, na Bahia.

Em novembro de 1979, o *Diário de Pernambuco* noticiou os bastidores da formação da Ita-Gay, agremiação gay do Itabuna Esporte Clube, no sul da Bahia. O periódico mencionou que sua organização aconteceu depois do desfecho da Fla-Gay, cujas ações ainda repercutiam nacionalmente e serviam de referência para novos grupos.

O colunista social Adilson Cezimbra[30], idealizador do movimento, informava que, naquele momento, a organização já contaria com mais de cinquenta integrantes e anunciava que sua primeira atuação oficial estava prevista para 1980, quando o clube mudaria suas cores de alvianil para amarelo e preto[31].

Os torcedores contariam com vestidos longos em paetês e miçangas, além de charanga própria e uma imensa bandeira bordada com detalhes dourados. O movimento, inclusive, encontrou apoio do presidente do clube, Silvio Roberto Brito, que, publicamente, prometeu apoiar a nova iniciativa nas andanças do time durante a Copa Brasil do ano seguinte[32].

Apesar de já haver movimentações semelhantes em outras regiões, a Ita-Gay assumiu a alcunha de ter sido a “primeira torcida gay do interior do país”, sinalizando a expansão do fenômeno para além dos grandes centros urbanos, se não de uma forma articulada, pelo menos em sintonia.

O presidente do clube, Silvio Roberto Brito, teria garantido até recursos para a estruturação e manutenção da ala, que, já naquele momento, estava sendo dificultada pela reação de diversos setores da comunidade itabunense, sobretudo os tradicionais coronéis do cacau[33]. Não foram encontrados outros registros.

Em outra cidade, o cenário foi diferente. Em abril de 1980, o *Jornal do*

[30] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.
[31] Ver: ALA “GAY” da Bahia. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 302, p. 18, 6 nov. 1979.
[32] Ver: PRESIDENTE apoia a ala da torcida gay. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 23052, p. 5, 6 nov. 1979.
[33] Ver: ITABUNA faz ala “gay”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 212, p. 28, 6 nov. 1979.

Comércio (AM) anunciou a criação da Galo-Gay, ala assumidamente gay do Atlético Rio Negro Clube, liderada por Eurico Carvalho[34] e apoiada por Marcelo Peña, registrando sua presença em jogos do time em Manacapuru e, posteriormente, em diversas partidas do Campeonato Amazonense.

Imagens divulgadas pelo periódico mostravam a faixa “Torcida Organizada Galo-Gay” nas arquibancadas do Estádio Vivaldo Lima, marcando sua atuação afirmativa. Eurico ganhou destaque no cenário futebolístico local por organizar caravanas para apoiar o clube, inclusive vendendo seu próprio carro para viabilizar viagens durante a Copa Integração de 1988, apesar de enfrentar preconceitos e conflitos internos.

A iniciativa incentivou o surgimento de outras iniciativas gays no estado, como a Leão-Gay, do Nacional Futebol Clube, liderada por Clemilton Matos[35], que estreou com grande número de participantes e uma bandeira monumental, e a Pena-Gay, do Penarol Atlético Clube.

No mesmo período, Jorge José Emiliano dos Santos (1954-1995), mais conhecido pelo apelido de Margarida, foi um árbitro brasileiro de futebol que atuou profissionalmente entre as décadas de 1980 e 1990, sendo conhecido por seu estilo extravagante de apitar. Ele se tornou uma figura emblemática no futebol do país e foi um dos primeiros árbitros profissionais a se declarar abertamente homosexual no país, tendo um posicionamento explícito sobre sua sexualidade.

Margarida se tornou árbitro profissional ligado à FERJ em 1988, ano em que estampou a *Revista Placar* com a publicização de sua homossexualidade. Antes disso, já era conhecido no meio esportivo da cidade desde a década de 1960, pois atuava como árbitro de futebol de areia, quando recebeu o famoso apelido.

A atitude de Margarida refletia uma coletividade chamada de “Sindicato”, formada por árbitros e auxiliares cariocas assumidamente homossexuais. Outros nomes, como Valter Senra (o “Bianca”), Paulino Rodrigues (o “Borboleta”), Robson de Oliveira (o “Gazela”) e Reinaldo Barros (o “Pinah”), também assumiram suas orientações sexuais, fortalecendo o espaço para a diversidade

[34] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.
[35] Não foram encontrados registros que permitissem aprofundar informações sobre sua biografia.

no esporte fluminense.

Borboleta adotava uma postura diferente, considerado o “mais macho” e “durão” entre eles, tendo construído sua trajetória como Paulino Rodrigues antes de assumir publicamente sua orientação, depois de grandes dificuldades de autoaceitação (Davies; Nobre, 2021).

Bianca, por sua vez, era lembrado como o mais baixinho, delicado, doce e sempre bem-vestido. Já Margarida era conhecido por seus gestos característicos, como esticar os braços, empinar o corpo e encerrar as partidas com uma movimentação própria, além de chamar os jogadores de “meu queridinho” (Davies; Nobre, 2021).

> O “Margarida” chegava rebolando, empinava a bunda e jogava os braços pra trás. Eu fazia jogo de pernas, batia no chão com a ponta do pé, rodando pra lá e pra cá, ia no fundo do gol e balançava a rede, botava a bola no chão, punha o pé em cima e olhava de forma desafiadora para a torcida e ria, empinando o corpo e jogando a cabeça pra trás. O estádio vinha abaixo. Era muito legal. Era o meu momento de glória! (*apud* Davies; Nobre, 2021, p. 169).

De todo modo, esse foi o período em que predominou a chamada “Arbitragem Gay” na FERJ, sendo ela marcada por sua competência, profissionalismo e *performance*. “Muita gente ia ao estádio para ver o *show* deles, um *show* à parte. Tanto apitavam bem, como faziam o *show* particular deles. Era bonito de se ver, alegre, excitante, não tenho palavras para descrever” (Maria Eugênia *apud* Davies; Nobre, 2021, p. 85).

Mais do que uma organização em si, o grupo representava um gesto público de afirmação coletiva e de solidariedade entre árbitros e simpatizantes, que se uniram para reivindicar espaço, combater injustiças e enfrentar as formas de silenciamento impostas pela estrutura conservadora do futebol brasileiro.

Porém, isso não eximiu o Sindicato de ser vítima de discriminações escancaradas na época. Em 1987, por exemplo, a Comissão Brasileira de Arbitragens de Futebol (Cobraf) não incluiu Margarida, Bianca e Borboleta na lista dos 327 árbitros para os jogos dos módulos Verde, Amarelo, Azul e Branco da nova Copa União. O então diretor do órgão, João Ellis Nunes, justificara seu veto em virtude da sexualidade dos juízes. Antes disso, Bianca já havia sido

extorquido anteriormente por um diretor de árbitros, culminando em uma suspensão velada por alguns meses quando parou de pagar as chantagens.

Além disso, Borboleta também foi vítima de políticas de geladeira, quando era apenas escalado como auxiliar e não árbitro, sem que houvesse justificativas por parte da Comissão de Árbitros de Futebol do Rio de Janeiro. Dias depois de denunciar essa prática para um jornalista da Rádio Tupi, em uma entrevista que nunca foi ao ar, viu seu emblema da FIFA, pronto para ser entregue a ele – depois de uma indicação do contraventor Carlinhos Maracanã ao presidente da FERJ – ficar parado na gaveta de Ives Mendes, diretor da Comissão (Davies; Nobre, 2021).

Mesmo com todos os percalços, a arbitragem gay dos anos 1980 e 1990 marcou uma importante época no calendário esportivo do Rio de Janeiro e revolucionou a arbitragem tradicional, que, antes, era marcada por sua sisudez e invisibilidade em campo.

Esses diferentes registros demonstram como o fenômeno dos grupos associativos de torcedores assumidamente gays ou de outras manifestações não se limitava a episódios isolados ou restritos a determinados centros, mas fazia parte de um cenário em expansão, com articulações e repercussões diversas em várias regiões do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o final da década de 1970 e ao longo dos anos 1980, o aparecimento de alas abertamente homossexuais no futebol masculino brasileiro ocorreu de forma simultânea em clubes de todas as divisões e regiões do país. Ainda que não tenha se constituído como um movimento nacionalmente articulado, essas iniciativas estabeleceram conexões entre si, expressas tanto em relações de afinidade e reconhecimento mútuo quanto em disputas e rivalidades envolvendo outros grupos de torcedores, clubes ou personalidades.

Essas manifestações podem ser vistas como iniciativas pioneiras na afirmação coletiva de sociabilidades homossexuais por meio do futebol. Embora, naquela época, as alas citadas fossem compostas predominantemente por homens homossexuais cisgêneros, elas representaram um marco importante no

futebol brasileiro de disassociação com um reduto masculino, cisgênero e heterossexual.

Iniciativas como a Coligay e a Fla-Gay contribuíram para questionar a tradição heteronormativa das arquibancadas, trazendo novas formas de expressão e apoio aos seus clubes, apesar da repressão social e institucional enfrentada. Essas experiências evidenciam o impacto do autoritarismo sobre as sociabilidades homossexuais e a luta pela aceitação em espaços historicamente excludentes.

Em ambas as experiências, o futebol foi mobilizado menos como espaço para a constituição de um coletivo torcedor nos moldes tradicionais e mais como arena de ação performática, de visibilidade pública, de intervenção cultural e de contestação estética. Na maioria dos casos, as iniciativas estiveram mais orientadas à afirmação coletiva de sociabilidades homossexuais do que, necessariamente, ao apoio a um clube em específico.

Apesar dos avanços recentes na historiografia do futebol e na ampliação dos olhares sobre as dissidências de gênero e sexualidade, é notória, porém, que ainda existe uma lacuna significativa na análise aprofundada das agremiações gays. A maior parte dos estudos concentra-se nos grandes centros do eixo Sudeste-Sul, sobretudo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, e nos clubes da elite esportiva do país.

Nesse sentido, explorar experiências em outros estados como Pernambuco, Bahia, Distrito Federal e Amazonas é essencial para ampliar o escopo investigativo e diversificar a compreensão sobre o fenômeno no esporte de massas mais importante do país. Ainda que brevemente, este trabalho busca, assim, atuar como um ponto de partida para essa expansão territorial e analítica.

Mesmo diante de tensões e resistências, esses grupos afirmaram seu direito de torcer e ocupar as arquibancadas como qualquer outro apaixonado pelo esporte. Afinal, ir ao Maracanã em um domingo típico de futebol pertence a todos e o esporte também pode – e deve – ser feito de diversidade.

REFERÊNCIAS

Fontes

CROC'S. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 6288, p. 23, 11 jan. 1980.

ESTEVES, Marta. Ser juiz é tudo. **Revista Placar**, São Paulo, n. 929, p. 49-51, mar. 1988.

Bibliografia

ALVES, Maria Fernanda Martinez; ALBERNAZ, Cássio Alan Abreu. O futebol nos tempos do condor: ditadura militar, cinema e o futebol brasileiro (1964-1985). **29 de abril: Revista de História**, v. 4, n. 6, p. 68-82, jul. 2024.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De "são bichas mas são nossas" à diversidade da alegria**: uma história da torcida Coligay. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11., 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2017.

BARROSO, Lucas. Torcendo fora do eixo: a efervescência das torcidas gays no futebol masculino brasileiro (1977-1989). **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 26, n. 72, p. 91-125, 2025.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: UnB, 1995.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.
DAVIES, Anna; NOBRE, Carlos. **Parada dura**: memórias de um árbitro gay do futebol carioca. Rio de Janeiro: LivrosDeFutebol, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREITAS, Marcel. Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. **Revista Digital EFDeportes**, v. 8, 2002.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GERCHMANN, Léo. **Coligay**: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GREEN, James. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**, São Paulo, n. 1, v. 29, p. 267-279, dez. 2004.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: o caso da Copa de 70. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. A festa e a guerra: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. *In*: Encuentro de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte, 1., 2008, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. Curitiba: UFPR, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. *In*: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio nacional da Associação Nacional de História**. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

MANDELLI, Mariana Carolina. Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens. **FuLiA/UFMG [Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]**, v. 8, n. 3, p. 155–175, 2023.

MARTINELLI, Leonardo da Silva. Reflexões sobre os abalos da masculinidade hegemônica no futebol: das torcidas gays na década de 1970 aos campeonatos homossexuais da atualidade. **Revista Crítica Histórica**, v. 11, n. 22, p. 301-327, 2020.

MATOS, Heloiza Helena Gomes de. O discurso político oculto na comunicação

do Governo Médici. **Líbero**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 54-64, 2003.

MOURA, João Carlos da Cunha. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 198, p. 70-79, 2017.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. São Paulo: Benvirá, 2017.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Homossexualidades e ditaduras militares: o caso de Brasil e Argentina. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis: UFSC, 2010.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. Sociabilidades torcedoras: uma análise da forma de torcer em Fortaleza nos anos 1960 e 1970. *In*: Encontro Estadual de História - ANPUH Ceará, 14., 2014, Limoeiro do Norte. **Anais do XIV Encontro Estadual de História**. Fortaleza: UECE, 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues. A "praga" da FlaGay e o "desbunde" *guei* no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 1, n. 04, p. 102-123, 2018.

ROSOSTOLATO, Breno. O homem cansado: uma breve leitura das masculinidades hegemônicas e a decadência patriarcal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2018.

RUDÁ, Onã. **Chegay**: sou LGBTriocolor. 2024. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Salvador (UNIFACS), Campus Tancredo Neves, Salvador, 2024.

SANTOS, Jônatas. **Pra Frente Brasil!** A relação entre o futebol e a ditadura militar durante o governo Médici (1969 - 1974), e a repercussão na Bahia através do Jornal A Tarde. 2017. 49 p. Monografia (Licenciado em Educação Física) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SANTOS, José Leite dos. **Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na educação básica**. 2013. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVEIRA, Eduardo Bortolotti. **Maré vermelha**: histórias do primeiro grupo homossexual de Santa Maria/RS. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2019.

SOUSA, Vinicius Gomes de; CAMARGO, Wagner Xavier de. "Coligay" e a diversidade sexual no campo esportivo. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 8, n. 1, 2015.

SOUZA, Marcos Alves de. "Gênero e raça: a nação construída pelo futebol

brasileiro”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p. 109-152, 1996.

SOUZA, Rafael de. **“Saindo do Gueto”**: O movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982. 2013. 138f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TURA, Maíra. **Futebol feminino e emoções**: um estudo nos clubes Bangu e Fluminense. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

Recebido em 30/11/2025.

Aprovado para publicação em 23/06/2026.